

# Práticas de letramento digital: o Moodle, os blogs e o Facebook como recursos na formação de professores

Nádie Christina Machado Spence

PPGIE/UFRGS -

Brasil

Bolsista CAPES/REUNI

nadiechristina@gmail.com

Marie Jane Soares Carvalho

PPGIE/UFRGS -

Brasil

marie.jane@ufrgs.br

## ABSTRACT

This study investigated the construction of teacher knowledge among undergraduate students, especially those involving the use of Digital Network Technologies (TR) in digital literacy practices. The results show how or to what extent undergraduate students perform digital literacy practices, as they acquired knowledge and meanings that attach when applying this knowledge in internship activities. Data collection was conducted over three semesters with 37 students from 13 degrees. A qualitative research study examined written records (blogs and questionnaire) and oral (narrative interviews). The results show great diversity in practice as well as some resistance to the use of both the blog as Facebook. Moodle was characterized as a repository of activities. The use of blog, allowed the construction of longer texts and reflective, but that was the Facebook enhanced the socialization of these texts, complementing the proposed dialogical discipline and out of communication teacher / monitor - student for communication of all with all. The interviews revealed that students value the use of TR, but without avail themselves of potential collaborative authoring and development, just as a resource for the teacher to present or organize content.

## KEYWORDS :

Digital literacy, Social Networks, Teacher's Training, Digital Networks Technologies

## RESUMO

Este trabalho investigou a construção de saberes docentes, entre alunos de licenciaturas, especialmente aqueles que envolvem o uso de Tecnologias Digitais de Rede (TR) em práticas de letramento digital. Os resultados apresentaram *de que modo* ou *em que medida* alunos de licenciaturas realizam práticas de letramento digital, como adquiriram esses saberes e que sentidos lhes atribuem quando aplicam estes conhecimentos em atividades de estágio. A coleta de dados foi realizada ao longo de três semestres com 37 alunos oriundos de 13 licenciaturas. A pesquisa de caráter qualitativo analisou registros escritos (blogs e questionário) e orais (entrevistas narrativas). Os resultados revelaram grande diversidade nas práticas, assim como algumas resistências ao uso, tanto do blog quanto do Facebook. O Moodle se caracterizou como repositório de atividades. O uso do blog, permitiu a construção de textos mais longos e reflexivos, todavia foi o Facebook que potencializou a socialização desses textos, complementando a proposta dialógica da disciplina e saindo da comunicação professor/monitor – aluno para a comunicação de todos com todos. As entrevistas revelaram que os alunos valorizam o uso das TR, porém sem se valer do potencial colaborativo e de desenvolvimento de autoria, mas apenas como um recurso para o professor apresentar ou organizar os conteúdos.

## PALAVRAS-CHAVE

Letramento Digital, Redes Sociais, Formação de Professores, Tecnologias Digitais de Rede

## INTRODUÇÃO

A rápida expansão das tecnologias digitais de rede [14] vem se refletindo na educação e exigindo dos professores a aquisição de novos saberes docentes [13]. Espera-se uma formação inicial que permita aos futuros docentes a exploração de variadas formas de acessar informações, estabelecer contatos, criar conteúdos, trabalhar colaborativamente e interpretar criticamente o que está disponível na rede. Consideramos que o desafio de integrar o uso das tecnologias de rede (TR) às práticas está diretamente relacionado ao letramento digital dos professores. A formação inicial, oferecida no âmbito das universidades, desempenha importante papel na aquisição destes saberes e, em especial, na promoção da reflexão e crítica sobre os usos.

Partindo desses pressupostos e da experiência de mais de quatro anos com alunos da Pedagogia, na modalidade a distancia, onde o uso dos mais variados recursos foi indispensável para a realização das atividades, formulamos algumas hipóteses:

- Os alunos de cursos presenciais, por serem menos exigidos no uso das Tecnologias de Rede (TR) encontram mais dificuldades para atribuir sentido às mesmas e conseqüentemente para integrá-las às suas práticas, seja como acadêmicos, seja como docentes em formação.
- O uso das TR nem sempre se faz presente nas propostas das disciplinas presenciais e, muitas vezes, as disciplinas específicas são ofertadas como eletivas e não incluem aplicações práticas.

O objetivo geral da pesquisa buscou compreender *de que modo* ou *em que medida* o letramento digital e o uso das TR é promovido entre alunos de licenciaturas presenciais numa universidade pública. Adotamos como procedimentos a análise de narrativas escritas sobre as trajetórias de letramento digital e o acompanhamento de práticas de letramento digital ao longo dos semestres, quando foram propostas atividades utilizando vários recursos, tais como blogs, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (Moodle); por sugestão dos próprios alunos, a participação em redes sociais e, para analisar a aplicação desses saberes na prática, a realização de entrevistas narrativas autobiográficas com alunas em estágio curricular.

## DESENVOLVIMENTO E PROCEDIMENTOS

A pesquisa subdividiu-se em três momentos: o primeiro denominamos de *estudo exploratório*, porque a partir do primeiro

contato com os estudantes foram realizados ajustes na proposta, que inicialmente previa apenas alunos do curso de Pedagogia e passou a integrar alunos de cursos de Licenciatura que estivessem cursando a disciplina da área de didática. Essa fase teve duração de agosto a dezembro de 2011. Foram coletados dois tipos de dados: 1) registros nos blogs, criados como Portfólios de Aprendizagem para a disciplina; e 2) um survey online aplicado ao final do semestre que, entre outras coisas, perguntava sobre a aprendizagem mais significativa do semestre. A amostra nessa fase foi constituída por 22 alunos e desse ponto em diante iremos chamá-los de Grupo A.

A segunda etapa da pesquisa teve início em março de 2012 e incluiu, além dos registros em blogs e do survey, interações em um grupo do Facebook, criado especialmente para a participação dos alunos da disciplina. Essa segunda amostra foi composta por 15 alunos e a denominamos de Grupo B. Os dois grupos utilizaram o Moodle como ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

A terceira etapa, em fase de conclusão, explora as aplicações dos conhecimentos adquiridos sobre as Tecnologias de Rede (TR) nas atividades de estágio. A amostra se organizou através da participação voluntária de alunas que haviam cursado a disciplina e se encontravam realizando os estágios no segundo semestre de 2012. Nessa etapa a coleta de dados incluiu entrevistas e análise dos planos de aula para posterior cruzamento com os registros anteriores, especialmente aqueles que narravam as trajetórias de letramento antes e durante o curso.

A técnica adotada nas entrevistas narrativas seguiu os passos propostos por Schütze [7] e subdividiu-se em três partes: a primeira parte iniciando com uma narrativa sobre a fase de vida que envolve o letramento digital, que costuma transcender o período de formação inicial na universidade; a segunda parte buscando explorar “o potencial narrativo tangencial” que, por ventura, tenha sido pouco desenvolvido ou vago na parte 1; e, a terceira parte estimulando por um lado a descrição de situações que se repetem, por outro lado as respostas argumentativas<sup>1</sup> (p. 212).

## CONCEITUANDO OS LETRAMENTOS

Quando em 2003, Brian Street [11] apresentou “Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento, durante a teleconferência UNESCO Brasil sobre “Letramento e Diversidade” defendeu programas elaborados a partir de pesquisas etnográficas que avaliam as práticas de letramento de uma dada comunidade e buscam não apenas “[...] aumentar o número de alunos aprovados em testes de alfabetização, mas a expandir as práticas comunitárias de letramento”. A abordagem proposta por Street valorizava as contribuições de Freire (1972) que já discutiam, na década de 70, argumentos defendidos em trabalhos recentes (Barton 1994; Barton, Hamilton e Ivanic, 1999; Heath 1983; Street 1993, 1995) e que definiam o letramento como não sendo apenas um conjunto de “[...] habilidades técnicas; uniformes a serem transmitidas àqueles que não as possuem (a exemplo da definição bancária de Freire), mas sim que existem vários tipos de letramento nas comunidades, e que as práticas associadas a esse letramento têm base social”.

<sup>1</sup> Os registros digitalizados (incluindo as entrevistas gravadas em formato MP3) agilizaram a importação dos dados para análise de conteúdo (BARDIN, 2011; SCHÜTZE, 2010, pp. 210-238; [1][7] com o software NVivo (fase exploratória v.9.2, segunda fase v.10).

## CONCEITUANDO OS LETRAMENTOS

Quando em 2003, Brian Street [11] apresentou “Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento, durante a teleconferência UNESCO Brasil sobre “Letramento e Diversidade” defendeu programas elaborados a partir de pesquisas etnográficas que avaliam as práticas de letramento de uma dada comunidade e buscam não apenas “[...] aumentar o número de alunos aprovados em testes de alfabetização, mas a expandir as práticas comunitárias de letramento”. A abordagem proposta por Street valorizava as contribuições de Freire (1972) que já discutiam, na década de 70, argumentos defendidos em trabalhos recentes (Barton 1994; Barton, Hamilton e Ivanic, 1999; Heath 1983; Street 1993, 1995) e que definiam o letramento como não sendo apenas um conjunto de “[...] habilidades técnicas; uniformes a serem transmitidas àqueles que não as possuem (a exemplo da definição bancária de Freire), mas sim que existem vários tipos de letramento nas comunidades, e que as práticas associadas a esse letramento têm base social”.

Magda Soares [9] também defende diferentes tipos de letramento e os define (p.145) como

“o *estado* ou *condição* de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento”

Esse conceito se amplia quando Soares [8] inclui a perspectiva de letramento na cibercultura, justificando a utilização do termo no plural para

“[...] enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes *estados* ou *condições* naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes *mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita* resultam em diferentes *letramentos*”.

Segundo Duran [3] podemos considerar [...] o “letramento digital como sendo o processo de configuração de indivíduos ou grupos que se apropriam da linguagem digital nas *diferentes práticas sociais* relacionadas direta ou indiretamente à leitura e à escrita mediadas pelas TIC<sup>2</sup>”. Na concepção da autora, o letramento digital é um conceito altamente complexo, pois precisa ir além de apenas saber *usar*<sup>3</sup> as TIC, na verdade precisa envolver uma prática social que se articule à realização de projetos individuais e/ou coletivos. Ou seja, esta concepção difere da abordagem instrumental ou da *alfabetização digital*.

Não é suficiente apresentar uma série de recursos tecnológicos aos alunos em formação nas Licenciaturas, é preciso atribuir sentido a estes usos, e mais, promover a reflexão sobre o potencial pedagógico decorrente dessa utilização. Entendemos que os *sentidos* se constroem à medida que os alunos podem aplicar a teoria na prática e, a partir dos resultados obtidos, validar estes conhecimentos, inclusive construindo soluções criativas aplicáveis a novos desafios.

Ao longo da formação universitária, espera-se a promoção dessas *práticas* e, conseqüentemente, a mudança no estado ou *condição* de letramento digital dos professores em formação. Ao mesmo tempo, o uso dirigido das TR nas salas de aula promove o trabalho de forma interativa, colaborativa e cooperativa que, associado aos conteúdos de forma a promover a reflexão, conferem sentido ao trabalho pedagógico.

<sup>2</sup> Tecnologias de Informação e Comunicação.

<sup>3</sup> Grifo da autora.



## CONTEXTUALIZANDO O MOODLE, O BLOG E O FACEBOOK

### Ambiente Virtual de Aprendizagem – o Moodle

O Moodle é um ambiente de aprendizagem a distância baseada em software livre. O termo é um acrônimo de Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos). Esse recurso é uma das opções para a realização de atividades síncronas e assíncronas disponibilizados pela Universidade, que ainda oferece o ROODA (Rede Cooperativa de Aprendizagem) e o NAVI, ambos desenvolvidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sendo esse último voltado para o curso de Administração.

O Moodle permite organizar os conteúdos em tópicos e disponibilizá-los em vários formatos (doc, pdf, jpg, áudio, links para páginas ou vídeos, etc), possui correio interno, fórum e bate-papo, oferece um wiki interno (recurso de construção colaborativa), blog e organiza o envio de tarefas e atribuição de conceitos, entre outras ferramentas. Essa foi a plataforma institucional escolhida para a disciplina.

### Os Blogs

Segundo Manuel Moran [6]

“Atualmente, há um uso crescente dos blogs por professores dos vários níveis de ensino, incluindo o universitário. Eles permitem a atualização constante da informação, pelo professor e pelos alunos, favorecem a construção de projetos e pesquisas individuais e em grupo, e a divulgação de trabalhos.”

O uso dos blogs na disciplina estava vinculado à criação de Portfólios de Aprendizagem de acordo com a proposta de Carvalho e Porto [2]: como recurso para o registro, acompanhamento e avaliação das aprendizagens dos alunos ao longo do semestre. As atividades realizadas nos blogs recebem comentários, que podem ser replicados pelos alunos e as postagens podem ser editadas e/ou complementadas. O objetivo é promover a reflexão sobre as aprendizagens e desenvolver a autoria num suporte de escrita digital, onde o aluno cria, edita e publica conteúdos na rede. Difere do Moodle, onde o que for compartilhado se mantém restrito ao grupo de participantes daquela turma específica. No caso de alunos que não queriam expor publicamente seus registros, foi sugerido o uso do blog do Moodle, porém nenhum aluno optou por esta possibilidade.

### As redes sociais - Facebook

Segundo Marteleto [5]

“o conceito de redes sociais leva a uma compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização”

Apesar do recurso não ter sido criado para fins educacionais, estes vêm sendo explorados com bastante ênfase nos últimos anos, pelo menos. Phillips, Baird & Fogg (2011) lançaram em 2011 o Guia do Facebook para educadores, inclusive com versão disponível em português.

Acompanhando o processo de seleção de estagiários do curso de letras para uma escola particular em Porto Alegre, ficamos sabendo que nove entre os treze candidatos eram alunos de uma universidade pública, no caso a mesma da pesquisa. Nessa ocasião tivemos acesso a revista do colégio, o exemplar de maio/junho abordava a temática “Conectados com o conhecimento” e trazia o seguinte depoimento:

“atualmente as mídias digitais não só são usadas para a comunicação e o estabelecimento de relações interpessoais, mas também para fins pedagógicos. Isto é uma vantagem, pois a internet oferece fontes de dados sobre qualquer assunto de forma mais rápida que a maioria dos livros”.

Essa afirmação tem aparecido de forma recorrente e em varias mídias, como no vídeo de Silvio Meira que aborda novos e inevitáveis caminhos para a educação no mundo conectado!<sup>4</sup> O que surpreende no depoimento é ser a expressão de uma aluna do 2º ano do Ensino Médio. E ela complementa afirmando que “a rede social é um elemento que pode e deve ser explorado pelos professores”. Em seu argumento, Isabella Wender [15] considera que

“aulas, pesquisas, debates, trabalhos em grupos constituídos por alunos de escolas diferentes (até de outros países e outras culturas) são apenas algumas das atividades que podem ser desenvolvidas por meio do uso das redes sociais”

Não se trata de fazer apologia da tecnologia, mas de reconhecer a necessidade de preparar os futuros professores para lidar com os desafios reais que encontrarão nas escolas. A escola em questão, ciente dos riscos de colocar os alunos “na rede”, lançou um guia de Postura nas Redes Sociais<sup>5</sup> e distribuiu entre os alunos e em pontos da cidade, assumindo compromisso com a formação de cidadãos.

Em outras palavras, para Freire [4] não se trata de “divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência [...] esta seria “uma forma de pensar errado. [...] pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e interpretação dos fatos”

A sugestão do uso do Facebook na disciplina partiu dos alunos do grupo B e no semestre seguinte passou a integrar duas turmas da mesma disciplina<sup>6</sup>. Constituinto-se num espaço de troca e compartilhamento de dúvidas, certezas e descobertas.

### Análise dos dados

Organizamos a apresentação da análise de dados considerando as etapas e os diferentes grupos de alunos que compõem cada subamostra. Essa forma de discutir os resultados considerou a diversidade dos grupos e dos dados coletados nos diferentes momentos da pesquisa. Acreditamos que assim ficarão mais

<sup>4</sup> Disponível em: <http://netsophia.com/> acessado em 21/09/2012.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://issuu.com/colégiofarroupilha/docs/guia\\_de\\_posturas#print](http://issuu.com/colégiofarroupilha/docs/guia_de_posturas#print) acessado em: 21/09/2012

<sup>6</sup> Essa experiência será apresentada em trabalhos futuros.

evidentes as proximidades e distanciamentos nas práticas realizadas pelos sujeitos da pesquisa.

Quadro 1 – caracterização das amostras

Grupo/Sujeitos	Cursos	Semestres
A (2011/2) N = 22	Química, Física, Biologia, Ciências Sociais, Artes Visuais, Teatro, Enfermagem, Educação Física, Pedagogia, Geografia e Letras	1º ao 9º
B(2012/1) – N = 15 (com idades que variavam de 19 (5 alunos, correspondendo a 1/3 da amostra de 15 alunos) a 48 anos.	Letras, Geografia (bacharelado e licenciatura), Física, Ciências Sociais, Biologia, Psicologia (2ª graduação), Artes Visuais (2ª graduação), Pedagogia, Teatro e Química	1º ao 7º
Entrevistas N=3	Física, Artes Visuais e Ciências Sociais	8º

### Fase 1 (Estudo Exploratório – agosto a dezembro de 2011)

#### Caracterização do Grupo A

Os alunos autorizaram o uso dos registros nos Portfólios de Aprendizagem (blogs) e as respostas à *survey*, que nessa fase não coletou dados sobre a idade dos alunos. Essa informação só foi obtida na segunda fase e a análise procurou cruzar os dados obtidos no *survey* com os registros nos Portfólios de Aprendizagem (blogs) realizados ao longo do semestre.

#### Análise do Grupo A

O *survey* solicitava aos alunos que destacassem os aspectos que consideraram mais significativos ao longo do semestre. As atividades no Portfólio de Aprendizagens (blog), por sua vez, solicitaram que os alunos refletissem sobre “tecnologia” e “ensino em sala de aula”. Observamos que o uso das tecnologias e as discussões decorrentes dessas receberam destaque por boa parte dos respondentes como é possível observar nos excertos abaixo:

“As diferentes formas de inserirmos tecnologia no ambiente de aprendizado foi um ponto positivo. Mas o que realmente importa é a forma como a professora conduz as discussões salientando pontos importantes e questionando posições acomodadas por parte dos alunos. A experiência da disciplina vem da relação entre os diferentes ouvintes, mas que para isso, é necessário ter-se um bom mediador. Neste caso o professor.” (Aluno 1, Química, 1º semestre)

“Aprendi sobre a necessidade de utilizar diferentes tecnologias em aula, sempre tendo como principal objetivo o aprendizado dos alunos.” (Aluna 3, Teatro, 4º semestre)

“Sobre o uso de tecnologias, talvez uma assistência maior, mas

não comprometeu, é que a tecnologia tem lá os seus problemas....” (Aluno 4, Artes Visuais, 6º semestre)

“Eu aprendi que o professor deve ser didático e claro nas suas explicações e se apropriar das tecnologias para que a aula seja mais interessante.” (Aluna 17, Enfermagem, 6º semestre)

Quando questionada sobre “Qual foi o conteúdo mais significativo e que você recomenda à professora rerepresentar aos novos alunos?” a mesma aluna responde... *A tecnologia na educação*.

Todavia o contato com as tecnologias, conforme mencionado por Teixeira [14], nem sempre acontece no espaço acadêmico e, quando ocorre, nem sempre causa o impacto desejado

“Achei muito interessante o *ponto da tecnologia em sala de aula*. Já fiz várias cadeiras da educação e poucas foram as que realmente abordaram bem esse tema. [...] Achei muito interessante termos esse contato maior com tecnologias, apesar de que eu já estou bem acostumado com tecnologia *porque desde os 7 anos tenho contato com computadores*, porém achei muito legal isso na faculdade pois nem todos tinham esse contato com esse tipo de instrumento.” (Aluno 6, Biologia, 1º semestre)

“O uso das tecnologias, como o *moodle* e os *blogs*. Foi a primeira vez em toda a minha trajetória na universidade que foi utilizada essa ferramenta. Mesmo eu não tendo um bom desempenho com esse conteúdo, eu penso que deveria ter também nas outras disciplinas, principalmente na Faced<sup>7</sup>, pois pouco é possível se fazer com apenas a aula de 2 créditos. É preciso que se possa continuar trabalhando a disciplina para que os conhecimentos sejam de fato assimilados e compreendidos.” (Aluno 10, Ciências Sociais, 4º semestre)

A familiaridade do aluno 6 com o uso de computador e internet é anterior ao ingresso na universidade. Ele se considera acostumado. Todavia isso não indica uso competente desses recursos nas práticas sociais de oralidade, leitura e escrita, muito menos nas práticas docentes. No caso do Aluno 10 o primeiro contato com ferramentas como o Moodle e os blogs só ocorreu no 4º semestre, praticamente na metade do curso. Isso reforça nossa hipótese inicial de que os alunos dos cursos presenciais são menos expostos e exigidos quanto ao uso de tecnologias e as disciplinas oferecidas com pouca carga horária contribuem timidamente para as mudanças no seu *estado* ou *condição*.

Um aluno do 4º semestre da licenciatura em Geografia, que já atuava como professor declarou que ia “utilizar o blog como avaliação das minhas turmas”. Neste caso ele identificou o potencial do recurso como portfólio de aprendizagens e uma forma de avaliar os alunos. Porém, a reflexão sobre a aplicação não pode ser promovida pela disciplina, pois ia além dos propósitos da mesma.

Mesmo entre os mais jovens<sup>8</sup> a proposta da disciplina causou impacto

<sup>7</sup> Faculdade de Educação

<sup>8</sup> Vários autores adotam o termo Nativos - cunhado por Mark Prensky em 2001 e que incluiria aqueles que nasceram nas últimas décadas do século XX e cresceram com acesso à computador, à internet, videogames, CDs, vídeos, celulares, etc. Como o termo é controverso não iremos adotar.



“A tecnologia. No início, a maneira que a professora abordou o assunto fiquei perdida (eu, com 19 anos, que nasci no meio de tudo isso). Imagina quem é mais velho, como se sentiu? Foi a primeira disciplina que trabalhou com algo de hoje, algo novo. Achei muito bom!” (Aluna 15, Educação Física, 4º semestre, Blog)

O registro se reforça com a resposta ao survey, onde a aluna declarou que

“Nesta disciplina a professora [...] conseguiu mostrar alguns aspectos importantes para a docência. [...] Um que a prof [...] pediu que foi a primeira vez em 2 anos [de curso], foi o blog. Achei interessantíssimo, pois além de obrigar alguns determinados alunos que não falam nada em sala de aula a se expressar, é um registro pra vida toda!” (Aluna 15, Educação Física, 4º semestre)

A aluna 15 destacou a experiência inovadora com o uso de blogs e o papel que isso desempenhou na dinâmica do grupo e na formação de redes de aprendizagem. As ideias de alguns alunos só se materializaram nos blogs, onde o texto adquire forma e o contexto se constrói coletivamente. As interações nos blogs foram mapeadas em dois momentos (setembro e dezembro de 2011) e revelaram uma considerável ampliação na rede. Aqueles que num primeiro momento se mostravam isolados, num segundo olhar haviam conquistado *seguidores* e suas ideias se materializaram, ou melhor, se transformaram num **registro para a vida toda**.

Este é um dos grandes potenciais do uso de Portfólios de Aprendizagem criados e mantidos na rede. Podem ser acessados no futuro e contribuir para lembrar momentos significativos da formação. Muitos alunos do curso de pedagogia na modalidade a distância, que criaram seus Portfólios nos primeiros semestres do curso, continuam fazendo registros e mantendo contato com colegas de faculdade, trocando experiências e compartilhando detalhes sobre a continuidade da formação em cursos de especialização ou mestrado.

### **Conclusões do Grupo A**

A fase exploratória da pesquisa contribuiu para reforçar nossas hipóteses iniciais e os resultados sinalizaram caminhos a serem seguidos nas próximas etapas. De certo modo surpreendeu que os alunos tivessem tido o primeiro contato com as tecnologias numa disciplina que sequer tinha isso como tema central, outrossim, as utilizou como um meio de promover as interações e criar redes de aprendizagem, potencializando a realização de atividades colaborativas e cooperativas.

Os aspectos mais preocupantes desta análise residiram no fato das atividades terem sido insuficientes para consolidar conhecimentos ou saberes como definem Freire [4], Tardif e Raymond [12], assim como para produzir mudanças significativas *no estado ou condição* de letramento digital destes professores em formação. Como já destacamos anteriormente a carga horária reduzida e o caráter teórico da disciplina não permitiram avançar no sentido de relacionar teoria e prática.

A aplicação dos saberes docentes num contexto real de sala de

aula poderia promover a reflexão sobre o potencial pedagógico dos recursos, assim como sobre os seus limites. E, desta forma, de fato consolidar as aprendizagens e integrá-las ao fazer docente destes futuros professores.

Os impactos poderão ser observados através das entrevistas e análise dos planos de aula dos alunos em estágio, que se realizará na fase 3 desta pesquisa e ainda se encontra em desenvolvimento.

## **Fase 2 (Inclusão do FACEBOOK – março a julho de 2012)**

### **Caracterização do Grupo B**

O uso do Moodle, do Portfólio (blog) e a aplicação de um questionário foram replicados com alguns ajustes: a) o uso dos blogs que, no Grupo A, após uma intervenção apresentou intensificação nas visitas e comentários nas postagens dos colegas, no Grupo observou-se certo “atraso” com relação às postagens no Portfólio e quando foram questionados sobre isso apresentaram como argumento que precisavam “sair do Facebook” pra entrar nos blogs e por isso acabavam postergando as postagens e conseqüentemente as visitas aos blogs dos colegas.

Assim sugerimos a criação de um grupo no Facebook, onde os alunos poderiam linkar os registros dos blogs, compartilhar e discutir com os colegas. O Moodle se consolidou como repositório do plano de aula, dos textos, apresentações, vídeos e prazos das atividades a serem realizadas e o Facebook passou a ser uma “extensão” da sala de aula, constituindo-se no *locus* onde se iniciavam discussões ou se expandiam aquelas iniciadas em sala de aula.

O questionário aplicado a esse grupo incluiu questões sobre o uso do Facebook e das disciplinas que contribuíram para a apropriação do uso de recursos tecnológicos e as respostas variaram bastante também.

Cabe destacar os alunos do curso de Física (sete alunos que correspondiam a quase metade da amostra) que haviam cursado várias disciplinas fora daquelas oferecidas na Faculdade de Educação, tais como: Métodos Computacionais da Física, Laboratório de Física Moderna, Física Aplicada, Metodologia do Ensino de Física, refletindo assim uma preocupação do curso com a formação dos alunos para o uso das tecnologias e sua aplicação à prática docente. Selecionamos uma aluna do grupo para realizar as entrevistas na fase 3 da pesquisa.

Pelo menos três alunos citaram a disciplina de Mídias, Tecnologias Digitais e Educação, disciplina obrigatória no curso de Pedagogia, oferecida pela faculdade de Educação no primeiro período e cuja súmula prevê

“Relações entre ciência, técnica e cultura. Pedagogias dos meios de comunicação e informação. Tecnologias digitais e educação: articulações epistemológicas, metodológicas e técnicas. Estudo das linguagens dos diferentes productos da mídia e dos artefatos digitais, no âmbito das práticas escolares. Avaliação e aplicação de diversas tecnologias na educação”.



Dois alunos do curso de Ciências Biológicas (sendo que um deles sempre estava com o *tablet* em sala de aula) afirmaram que a disciplina da pesquisa, cujo enfoque nas tecnologias era subjacente aos saberes docentes, teria sido a que mais contribuiu para a aprendizagem do uso das tecnologias, um deles ainda complementou dizendo que construiu aprendizagens “Como docente, [na disciplina. Como aluno, [em] nenhuma.” (Aluno 4, Biologia, 5º semestre) Até então seus usos eram intuitivos e os conhecimentos adquiridos fora do espaço acadêmico. Se pensarmos no depoimento da menina da escola particular, observamos uma defasagem na atribuição de sentidos ao uso das tecnologias por parte do professor em formação.

Entre as alunas do curso de Pedagogia as opiniões divergiram bastante, para a aluna 8 (4º semestre) “Só tivemos uma disciplina de Mídias e tecnologias digitais, mas apenas aprendemos a trabalhar no movie maker e nada mais.” Já a aluna 6 (também no 4º semestre) elegeu a disciplina da pesquisa. A aluna 2 declarou que *nenhuma* disciplina contribuiu para as aprendizagens sobre o uso do computador e internet. Segundo ela “já tinha essa aprendizagem, apenas comecei a usar mais porque todas solicitaram isso.” (Aluna 2, Pedagogia, 4º sem.). A aluna 12 destacou Mídias e Tecnologias e a disciplina onde foi realizada a pesquisa.

O grupo tinha duas alunas do curso de Psicologia, ambas com bacharelado e cursando apenas as disciplinas da licenciatura. Para a aluna 9 (1º semestre de Licenciatura em Psicologia) “De modo geral todas, mas neste semestre foram 2 em especial: Mídias e tecnologias na educação e a disciplina da pesquisa”. A aluna 10 (1º semestre também) acrescentou além das disciplinas mencionadas pela colega, Psicanálise e educação; Pesquisa em Educação EAD. Com relação à disciplina da pesquisa destacou o uso do blog acrescentou que passou “a adotá-lo como forma de expressão e de fazer chegar a algumas pessoas, inclusive alunos meus, as ideias que eu estava estudando e também desenvolvendo com eles. Ótima forma de educomunicação.”

O único aluno do Bacharelado em Geografia informou que “Em praticamente todas as disciplinas da faculdade foi indispensável a utilização de pelo menos um aplicativo do computador, como principais word, power point e e-mail” (Aluno 14, 7º Semestre) mas a disciplina da pesquisa havia sido a única que havia proposto uma reflexão sobre estes usos. Consideramos que o fato de querer “adiantar” disciplinas da licenciatura não o colocou propriamente em contato com disciplinas com propostas de uso pedagógico das tecnologias.

A representante do curso de letras (Aluna 15) não identificou nenhuma disciplina e tampouco mencionou outras formas ou práticas que promovessem essas aprendizagens.

Nem todos os alunos participaram do Facebook e alguns entenderam que iriam expor sua vida privada no contexto acadêmico. Esses argumentos foram levados em consideração e os alunos buscaram outras formas de participar das discussões presenciais. Talvez a proposta não tivesse funcionado se os recursos digitais fossem o meio predominante ou único de

comunicação entre os alunos. Por outro lado, alguns alunos mais tímidos no presencial sentiram-se mais confiantes para expor suas ideias no suporte digital (Aluna 15) e depois sentiram-se mais confiantes para se posicionar nas aulas.

Um aspecto a ser destacado em relação ao uso do Facebook envolveu a discussão sobre questões de gênero associadas à docência e culminou com uma troca intensa de notícias sobre a “marcha das vadias” que estava acontecendo no momento. O papel da mulher na sociedade e as formas de garantir seus direitos foram compartilhados no Facebook através de pensamentos, posicionamentos e notícias sobre o movimento. Essas trocas foram ampliadas na sala de aula e a discussão sobre o a feminilização da docência ganhou muito com isso.

Outro ponto que consideramos positivo foi à rapidez com que as informações circulavam. A mesma atividade ou informação era postada no Facebook e no Moodle, muitas vezes sendo também encaminhada por e-mail. O retorno no Facebook era praticamente imediato e incluía um número considerável de alunos, enquanto no Moodle era mínimo, pois implicava em abrir os e-mails e em alguns casos o endereço do Moodle não é o do e-mail mais acessado pelos alunos.

### Síntese das fases 1 e 2

As duas etapas iniciais da pesquisa revelaram grande diversidade nos níveis de letramento digital dos alunos, assim como no valor atribuído aos diferentes recursos.

O grupo A, de modo geral, teve mais dificuldade de apropriação das ferramentas, revelando ainda limitações na sua alfabetização digital. Para alguns o ambiente Moodle, utilizado pela instituição, era uma novidade absoluta, assim como o uso dos blogs. Todavia, apesar desses limites acreditamos que foi possível aliar a aprendizagem dos conteúdos específicos da disciplina potencializando as trocas.

Os alunos do grupo B, estavam mais familiarizados com os recursos, tiveram menos dificuldade de utilizar o Moodle e solicitaram menos ajuda para criar os blogs. A introdução do Facebook foi um fator que contribuiu para a reflexão crítica do uso pedagógico, considerando-se tanto a multiplicidade de espaços adotados, a questão da privacidade e a rapidez com que as trocas aconteciam nas redes sociais, muitas vezes incompatível com a disponibilidade de acompanhamento. O Moodle se consolidou muito mais como um “repositorio” de conteúdos e das atividades a serem realizadas do que num “ambiente virtual de aprendizagens”.

Um aspecto extremamente importante constatado foi a importância da mediação do professor e a proposta dialógica, tanto nos blogs quanto no Facebook. A produção textual comentada com a possibilidade de edição e reedição, os comentários entre os próprios alunos, contribuíram para consolidar as certezas e minimizar as dúvidas, além de motivá-los a desenvolver a autoria no suporte digital.

Com base nas observações realizadas durante os dois semestres

entendemos que os recursos ainda encontram resistência por parte dos alunos e, mesmo entre os mais jovens, ainda existem alunos no meio do curso que sequer tiveram contato com as possibilidades de aprendizagem potencializadas pelo uso das TR, muito menos haviam sido desafiados a pensar sobre possíveis aplicações em suas atividades práticas. O uso das redes sociais potencializa as trocas e a criação de redes de aprendizagem, contudo existem vantagens no uso do blog, como Portfólio de Aprendizagem, como espaço de registro e reflexão sobre a teoria e as práticas, constituindo-se num registro que pode se estender para além da formação inicial.

### Fase 3 (Entrevistas Narrativas – setembro de 2012)

#### Descrição das alunas

A seleção do(a) aluno(a) para participar da Fase 3 ocorreu de forma inusitada, quando uma aluna do curso de Artes Visuais, em estágio, entrou em contato (por e-mail) para compartilhar que ela estava criando *um material didático virtual* e havia lembrado das aulas, complementando que “Nossa, como foram úteis!”. A justificativa para o uso dos recursos baseou-se no fato de estar trabalhando com adolescentes e, segundo ela “preciso ser uma pessoa dinâmica e inteirada das tecnologias. Preciso ser menos hermética. Por isso o PBworks ” (sic.) No total três alunas nos procuraram para compartilhar espontaneamente suas experiências de estágio. Duas (dos cursos de Física e Artes Visuais) haviam cursado a disciplina nas fases 1 e 2. A terceira aluna havia contribuído voluntariamente para outra pesquisa e, se encontrando em estágio, veio em busca de sugestões para desenvolver o seu Blog. Desse modo acreditamos que estejam representados os alunos das fases 1 e 2 com a participação de mais um, que se encontra no mesmo momento, mas cuja trajetória seguiu por outro caminho.

As entrevistas tiveram início em setembro de 2012, com as alunas dos Grupos A e B, e está prevista nova entrevista ao final do estágio, em dezembro de 2012.

Uma análise preliminar identificou nos Planos de Aula o uso de TR. No caso da aluna do curso de física (grupo B), seu planejamento inclui o uso de um software online que permite trabalhar conceitos relacionados a construção de gráficos. Quando questionada sobre a possibilidade dos alunos utilizarem o software para fazer simulações e problematizar os conceitos subjacentes, respondeu que na escola onde está realizando o estágio não terá acesso ao Laboratório de Informática. Entende que seria muito mais interessante para os alunos manipularem o software, porém está se organizando para levar seu próprio laptop e usar apenas o projetor multimídia da escola.

A aluna de Artes Visuais, está realizando o estágio num local privilegiado, onde o acesso ao computador pelos alunos é estimulado. Ela criou um PBworks (página na internet que permite disponibilizar material, comentar e ter autoria compartilhada) onde organizou todas as aulas e suas respectivas atividades em páginas linkadas numa página de abertura. Porém, não previu que os alunos comentem as atividades ou incluam material na página. Quando questionada sobre o uso limitado do

recurso, ela respondeu que tinha pouco tempo para apresentar muito conteúdo e “achou que seria coisa demais” para fazer.

Ambas foram questionadas sobre disciplinas que contribuíram para pensar sobre o uso das tecnologias e declararam que os cursos de origem oferecem disciplinas, mas que isso não é exigido no estágio. Ou seja, a aplicação dos saberes acerca das TR e a reflexão crítica, provavelmente, vai ter que esperar que sejam desafiadas após a conclusão do curso. Esta etapa da pesquisa ainda não está concluída e seus resultados serão apresentados em trabalhos futuros.

### CONCLUSÕES

Apesar de ainda não termos todos os dados é possível apresentar conclusões parciais para as questões formuladas.

Primeiramente, constatamos que os alunos de cursos presenciais, são de fato menos exigidos no uso das Tecnologias de Rede (TR) e, portanto, encontram mais dificuldades para atribuir sentido às mesmas e conseqüentemente para integrá-las às suas práticas, seja como acadêmicos, seja como docentes em formação. Por conseguinte, o fato de não serem solicitados a aplicar estes saberes de forma prática durante o curso ou nos estágios, implica certa dificuldade para avaliar as possibilidades pedagógicas dos recursos.

Alguns cursos, como Física, incluem uma série de disciplinas que utilizam softwares de simulação para conceitos complexos e abstratos. Porém, essas disciplinas também são teóricas e, mesmo realizando experimentos, os alunos não encontram muitas oportunidades para aplicar antes dos estágios.

A maioria dos alunos menciona que utiliza tecnologias em quase todas as disciplinas, porém estão se referindo ao uso de editores de texto, de planilhas e de apresentações. O ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) foi uma novidade para muitos e funcionou como repositório e organizador das atividades. Os blogs, em alguns casos, precisaram de orientação presencial para serem criados. Ou seja, o nível de fluência dos alunos para seguir passos simples já se constituía num obstáculo. A finalidade como Portfólio de Aprendizagens, precisou ser rediscutida e o sentido para a atividade se construiu à medida que se estabeleceram as trocas, que só se intensificaram com a criação dos grupos no Facebook. Esse, por sua vez, foi o catalizador das interações em todos os níveis (professor-aluno; aluno-aluno e aluno-conteúdo).

As disciplinas ofertadas pela Faculdade de Educação foram citadas pelos alunos como as que mais promoveram a apropriação de tecnologia. Porém, no caso de disciplinas cuja súmula focalizava no uso de mídias e tecnologias digitais aplicadas à educação, esse ficou restrito ao treinamento com o uso de softwares, num nível de alfabetização digital que não os habilitou a expandir e aplicar em outras situações. Além disso, quando a disciplina é oferecida de forma obrigatória está prevista como introdutória nos semestres iniciais, ficando distante dos estágios. No curso de Ciências Sociais, por exemplo, é uma disciplina alternativa e cursada por poucos. O uso das TR raramente se fez presente nas propostas das

disciplinas presenciais, porém quando ocorre influencia as práticas de estágio. Um exemplo seriam as disciplina de Psicologia da Educação A e B, mencionadas por uma aluna do grupo A que criou um livro didático digital a partir da experiência do uso do PBworks. Em contrapartida houve o caso de outra aluna do mesmo grupo, do curso de Pedagogia onde a disciplina de mídias atualmente é obrigatória, que era formada em 2011 e nunca havia tido nenhuma experiência de aplicação em contexto real, nem como aluna, nem em atividades práticas.

Em síntese, os alunos aplicam de modo comedido as tecnologias sem explorar o potencial dessas, e quando utilizam é como um livro didático onde seus alunos podem ler. Todavia não podem explorar, criar ou inovar com os recursos.

## REFERÊNCIAS

- [1] Bardin, Laurence. (2011) Livro. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70.
- [2] Carvalho, Marie J. S. & Porto, Leonardo S. (2005) Portfólio Educacional: proposta alternativa de avaliação – Guia didático. Porto Alegre: UFRGS ed..
- [3] Duran, Débora. (2010) Livro. Letramento Digital & Desenvolvimento: das afirmações às interrogações. São Paulo: Hucitec.
- [4] Freire, Paulo. (1996) Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 26 ed., p.33.
- [5] Marteleto, R. M. (2010) Redes Sociais, Mediação e Apropriação de Informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Pesq. bras. ci. inf.*, Brasília, v.3, n.1, p.27-46, jan./dez.
- [6] Moran, José Manuel. (2007) Livro. A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Ed. Papirus, p.108.
- [7] Schütze, Fritz. (2010) Capítulo de livro. Pesquisa Biográfica e Entrevista Narrativa. In: Weller, Wivian. & Pfaff, Nicolle. (orgs.) Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Editora Vozes pp.210-238.
- [8] Soares Magda. (2002) Artigo. Novas Práticas de Leitura e Escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, Dec.
- [9] Soares, Magda. (2003) Alfabetização e Letramento. Livro. São Paulo: Contexto.
- [10] Soares, Magda. (2003) Letramento: um tema em três gêneros. Livro. Belo Horizonte. Autêntica.
- [11] Street, Brian. (2003) Abordagens Alternativas ao Letramento e Desenvolvimento. Paper entregue após Teleconferência UNESCO Brasil sobre “Letramento e Diversidade”.
- [12] Tardif, Maurice. & Raymond, Danielle. (2000) Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 21, n. 73, Dec.
- [13] Tardif, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. Livro (2011) 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- [14] Teixeira, Adriano. (2010) Livro digital. Inclusão Digital: novas perspectivas para a informática educativa. Livro. Ijuí: Editora Unijuí
- [15] Wender, Isabella. As redes sociais no Ensino. *Revista Farroupilha*, nº101, Porto Alegre, 2012, p. 10.